

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



Estados Unidos no Alto Norte: a nova abordagem estadunidense

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 193 • 10 de novembro de 2023

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Navio da Guarda Costeira estadunidense no Ártico](#)

Por: Pxhere

Fonte: Pxhere

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ -
Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)
Rafael Henrique de Almeida Bandeira Araujo (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Isabela Sússekkind Rocha Torres (PUC-Rio)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Gustavo da Hora Azevedo Osuna Bittencourt (UFRJ)
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (PUC-Rio)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

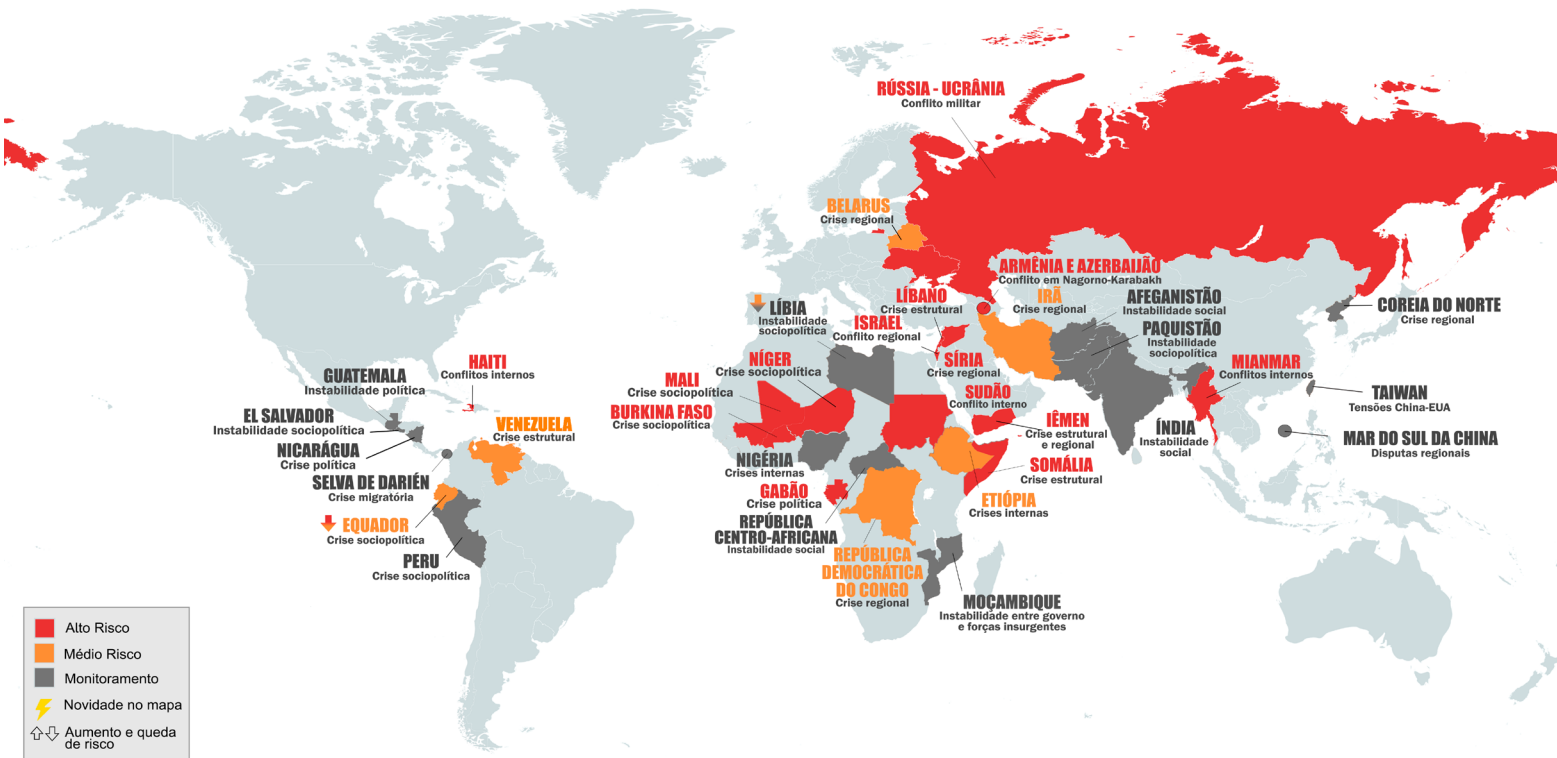


SUMÁRIO

| | | | |
|---|----|--|----|
| AMÉRICA DO SUL | | LESTE ASIÁTICO | |
| Crise migratória na Selva de Darién..... | 5 | Expedição científica chinesa no Oceano Índico: somente científico? | 13 |
| Venezuela vs Guiana: renovação da disputa por Essequibo | 6 | SUL DA ÁSIA | |
| AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL | | A frágil relação entre afegãos e paquistaneses no sul da Ásia | |
| Os Estados Unidos podem mitigar os efeitos das mudanças climáticas em seu território? | 7 | SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA | |
| ÁFRICA SUBSAARIANA | | Mianmar dois anos após o golpe militar: presente difícil, futuro caótico | |
| Horizontes da assistência humanitária na África com a <i>Mercy Ships</i> | 8 | ÁRTICO & ANTÁRTICA | |
| EUROPA | | Estados Unidos no Alto Norte: a nova abordagem estadunidense | |
| O enfraquecimento diplomático europeu frente às negociações com o Irã | 9 | TEMAS ESPECIAIS | |
| ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA | | Estados Unidos dá primeiro passo na direção da regulamentação das Inteligências Artificiais..... | |
| Omã media negociações entre Arábia Saudita e houthis | 9 | Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... | |
| O apoio iraniano à Síria: expansão de instabilidades regionais..... | 10 | Calendário Geocorrente..... | |
| Um mês do conflito em Gaza: o posicionamento do Egito e as expectativas para o futuro | 11 | Referências..... | |
| RÚSSIA & Ex-URSS | | Mapa de Riscos..... | |
| A construção de uma base naval russa na Abecásia e seus impactos no Mar Negro..... | 12 | | |

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Luísa Barbosa



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

Crise migratória na Selva de Darién

Bruna Silveira Eloy

A região da Selva de Darién, situada entre a Colômbia e o Panamá, consolidou-se como o epicentro de uma contínua crise migratória, marcada pela intensificação dos fluxos ao longo do tempo. Entre janeiro e setembro de 2023, mais de 360 mil indivíduos realizaram a travessia, segundo o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados no Panamá, em comparação com os cerca de 248 mil registrados em 2022. Nesse contexto, cabe questionar quais fatores têm impulsionado a crise, bem como as questões de segurança e as abordagens relacionadas a essa realidade migratória.

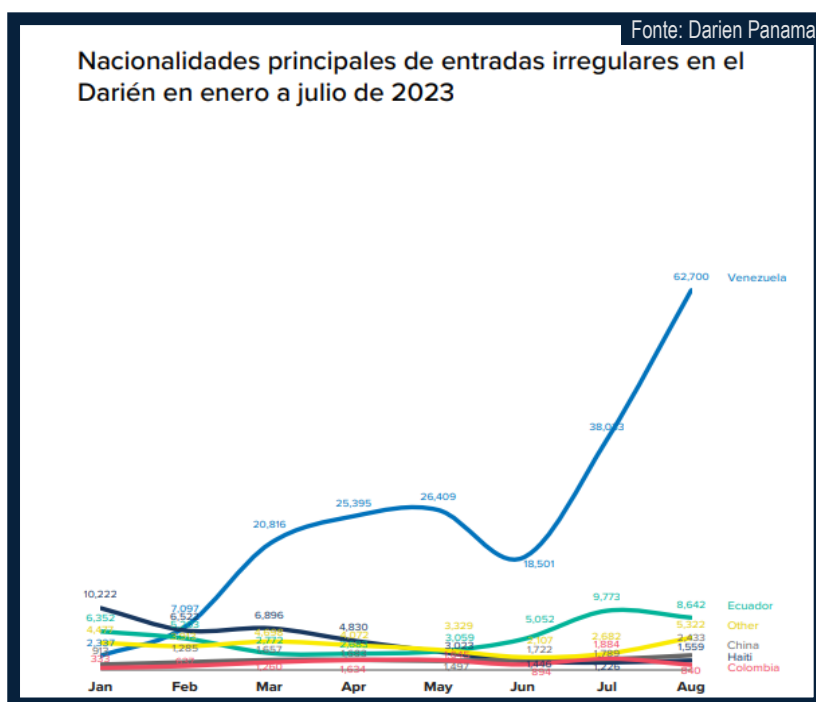
Nos últimos anos, o fluxo de migrantes na Selva de Darién tem aumentado em decorrência da complexa intersecção de fatores políticos e econômicos que afetam diversas nações nas Américas. Ao comparar o atual cenário com o de 2022, a dinâmica migratória na região revelou alterações nos perfis dos migrantes. Enquanto anteriormente predominavam os haitianos, houve, no último ano, um aumento significativo no número de venezuelanos. Representando cerca de 38% do total em 2023, os migrantes da Venezuela são um resultado direto da crise no país, marcado por um regime autoritário, hiperinflação, insegurança alimentar (Boletim 191) e repressão política.

A externalização do controle de fronteira no contexto do Darién é uma estratégia adotada principalmente pelos Estados Unidos da América (EUA), principal destino na

América do Norte para os que se deslocam. A estratégia envolve a delegação de responsabilidades de controle migratório a outros países, como Colômbia e Panamá, objetivando conter o fluxo de migrantes e refugiados antes que eles cheguem às fronteiras dos EUA. No entanto, isso pode gerar implicações significativas em diversas dimensões, visto que o foco na segurança e na aplicação da lei como elementos centrais pode sobrepor os direitos humanos e de proteção dos migrantes.

A ausência de governança efetiva na região de Darién amplia a vulnerabilidade dos migrantes, expondo-os a diversos riscos, como ausência de condições básicas, violência e envolvimento em atividades fraudulentas ou criminosas. Com destaque à influência de organizações criminosas, aponta-se a atuação do *Clan del Golfo* no lado colombiano, que recruta migrantes para o contrabando de mercadorias ilícitas.

Em síntese, o aumento no fluxo migratório destaca a urgência de uma abordagem global mais unificada e abrangente, uma vez que restrições nas vias legais de entrada, principalmente nos EUA, levam migrantes a buscar rotas clandestinas, aumentando sua vulnerabilidade. Portanto, a cooperação internacional pode auxiliar no enfrentamento dessa emergência humanitária e garantir proteção dos direitos humanos e segurança aos migrantes.



Venezuela vs Guiana: renovação da disputa por Essequibo

Luciano Veneu

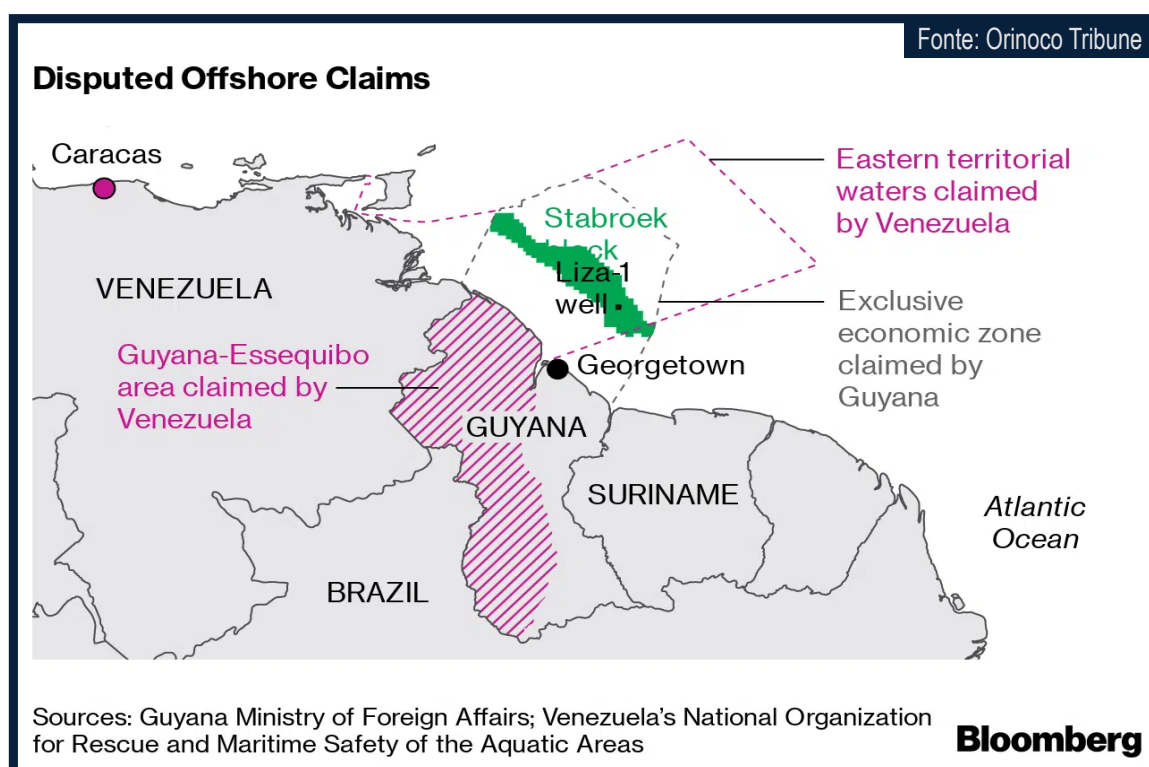
Com a expansão da produção petrolífera, a Guiana tornou-se o país com a maior taxa de crescimento econômico mundial, apresentando 66% de aumento em seu PIB em 2022. Entretanto, boa parte das reservas encontram-se na região de Essequibo — território contestado pela Venezuela ([Boletim 131](#)). Em 01 de outubro de 2023, Yván Gil, Chanceler venezuelano publicou nota acusando o governo de Georgetown de agir favoravelmente aos interesses estadunidenses, ameaçando a segurança regional. Ademais, um referendo sobre a anexação da região está marcado para o dia 03 de dezembro na Venezuela. Logo, quais são as possíveis consequências da renovação da disputa por Essequibo?

A Venezuela contesta o domínio do território, em litígio desde o século XIX, quando se realizou uma mediação pelos Estados Unidos da América (EUA). A área representa 60% do território vizinho, e boa parte de sua reserva petrolífera — descoberta a partir de 2017 — aumentando o interesse do governo venezuelano sobre a região. Através de Yván Gil, em outubro de 2023 a Venezuela destacou que busca retomar o Acordo de Genebra de 1966 no qual os dois Estados comprometeram-se focar no diálogo diplomático sobre o assunto, e que a Guiana estaria ignorando o comprometimento por interesses dos EUA, principalmente da empresa *ExxonMobil*. Outrossim, a nota acusa o governo guianês e a empresa estadunidense de exploração de petróleo em território

venezuelano. Segundo Caracas, esse descumprimento do Acordo é um catalisador para a desestabilização da segurança regional.

A região litigiosa, que faz fronteira com o Brasil, engloba 60% do território da Guiana e boa parte das reservas de óleo do país. A lógica de Georgetown é de que o Acordo de 1966 foi assinado antes da descoberta das reservas, fato que fez com que a economia guianense crescesse 66% no último ano, com projeções de 37% em 2023, segundo o Fundo Monetário Internacional. Após o anúncio venezuelano de um plebiscito acerca da anexação de Essequibo, marcado para o dia 03 de dezembro, Georgetown apresentou uma petição à Corte Internacional de Justiça (CIJ) para impedir que a votação ocorra da forma como está apresentada. Para a Guiana, um resultado desfavorável é evidente, o que aumentaria o risco de uma operação militar da Venezuela em seu território.

Portanto, a renovação pela disputa de Essequibo, catalisada pelas reservas petrolíferas, tem por consequência uma tensão regional elevada, além de interesses de atores externos como os EUA e o Brasil, que por se tratar do Entorno Estratégico Brasileiro, a questão justifica atenção especial de Brasília. Para a Venezuela, a recusa de diálogos diplomáticos aumenta os riscos de um conflito militar e para a Guiana, o plebiscito no país vizinho ameaça sua soberania.



DOI 10.21544/2446-7014.n193.p06.

Os Estados Unidos podem mitigar os efeitos das mudanças climáticas em seu território?

Victor Cabral

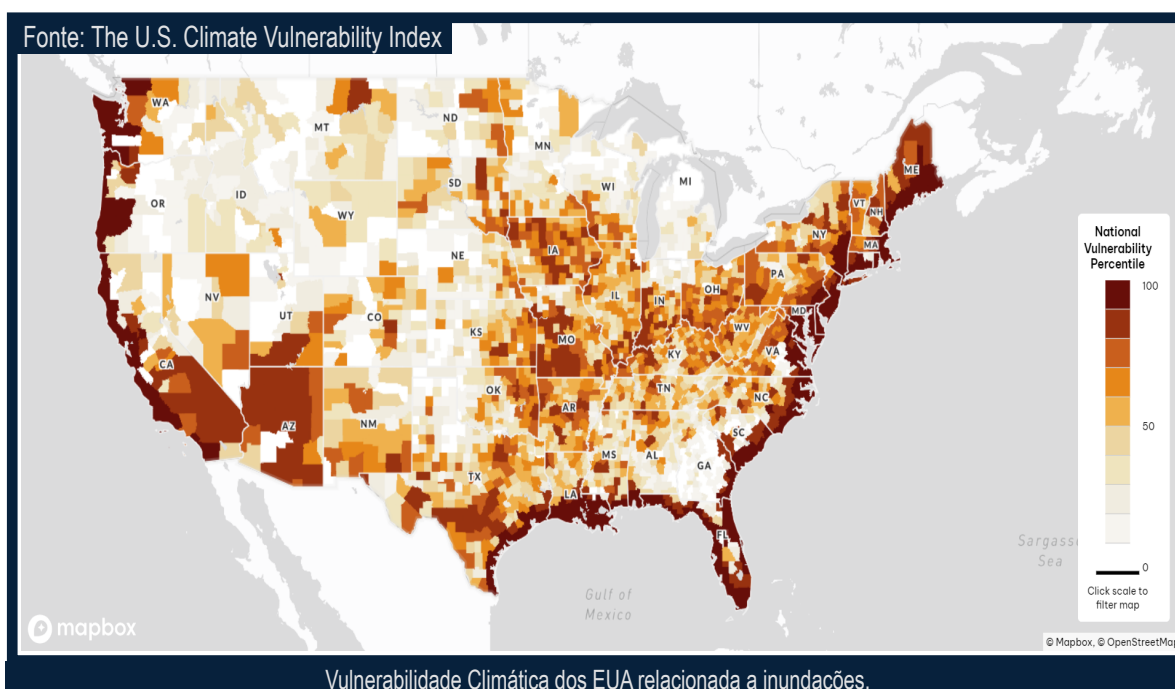
Nova York vivencia episódios recorrentes de inundações causadas por tempestades severas e passagens de furacões, e enfrentará a elevação do nível do mar nas próximas décadas. Em setembro de 2023, a cidade e o estado homônimo depararam-se com a vulnerabilidade urbana em relação aos desastres ao lidarem com a pior inundação desde o furacão *Ida*, em 2021. A tempestade foi 20% mais úmida do que poderia ter sido no século XX, dado que reflete a crise climática.

O leste e o sudeste dos Estados Unidos da América (EUA) ficam na rota dos furacões e tempestades formadas no Mar do Caribe. Com o aquecimento das águas — e conseqüente perda da biodiversidade local —, a umidade forma eventos hidrológicos extremos que causam danos às infraestruturas e perdas financeiras e humanas, intensificando-se com a incapacidade global em mitigar as mudanças climáticas. As cidades costeiras ainda não estão preparadas para as inunda es desses eventos previsíveis e esperados, o que resulta em falhas elétricas, interrup es no transporte público e lota es dos serviços médicos.

A *National Oceanic and Atmospheric Administration* (NOAA, sigla em inglês) estima que, até agosto de 2023, mais de 20 desastres ambientais e climáticos já ocorreram no país, com prejuízos superiores a US\$ 1 bilhão cada um. Isso ocorre devido a eventos climáticos extremos (tempestades, furacões, tornados e inunda es),

incêndios florestais e secas, impactando setores agrícolas e acentuando a infla o alimentar. Para o ano fiscal de 2024, a *Federal Emergency Management Agency* (FEMA, sigla em inglês), responsável pela preven o e resposta aos desastres, solicitou orçamento de US\$ 19,4 bilhões para responder aos desastres. Entretanto, a Casa Branca indicou somente US\$ 3,9 bilhões para programas de resiliência climática. Caso ocorram novos desastres, a FEMA deverá recorrer a fundos bipartid rios do Legislativo para financiar suas a es, especialmente pelo fato de o orçamento nacional não prever a delibera o do montante solicitado.

O impacto local da crise climática em Nova York   reflexo de sua transversalidade. A crise   global, atingindo os países assimetricamente e os afetando desigualmente, sendo mais destrutiva onde a vulnerabilidade socioecon mica aos desastres   mais latente. Os Estados devem arcar financeira e politicamente com a mitiga o das mudanças climáticas, além de cumprir com as metas estabelecidas no Acordo de Paris e na Agenda 2030, ambos ratificados por Washington. Todavia, em que pese os prejuízos bilionários, o investimento estadunidense em preven o e mitiga o está aquém do necessário, deixando rastros antecipados da (ir)responsabilidade de quando a crise cobrar mais caro que as perdas financeiras e com maior freq ncia.



Horizontes da assistência humanitária na África com a *Mercy Ships*

José Araujo

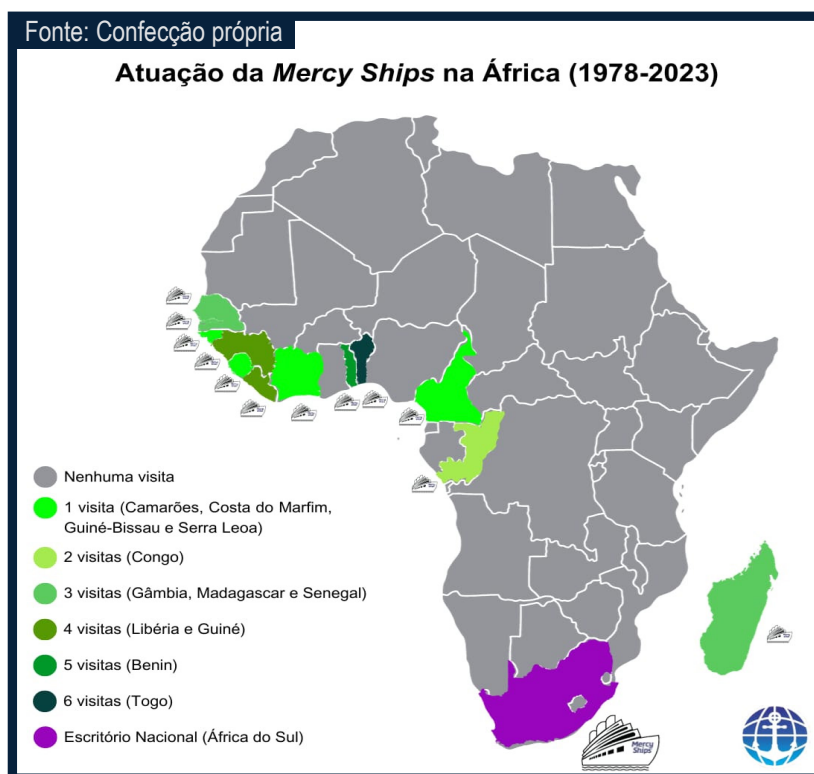
Em setembro de 2023, o Ministro da Saúde de Madagascar confirmou o retorno em 2024 da *Mercy Ships* (MS, sigla em inglês), organização não-governamental que fornece auxílio e treinamento hospitalar gratuito. Seu programa segue três etapas: avaliação de cooperação no local, auxílio e treinamento hospitalar gratuito nos portos acordados (em torno de 10 meses); e apoio de capacitação aos profissionais de saúde locais. Globalmente, a MS já impactou 2,8 milhões de pessoas, e seus navios já visitaram 13 países na África Subsaariana. Frente a essa atuação, quais são as perspectivas trazidas por esse *player* para a África Subsaariana?

Primeiramente, destaca-se a contenção de riscos de instabilidade política, econômica e social. Nesse ínterim, em 2019, a Organização Mundial de Saúde declarou que 13 Estados africanos possuem baixa cobertura universal de saúde (entre 20 e 39,9%). Entre esses, cinco receberam visitas da MS entre 2022 e 2023 (Benin, Guiné, Guiné-Bissau, Madagascar e Serra Leoa). Com o suporte da organização, esses Estados puderam aliviar parte de seus problemas internos de saúde. Ademais, enfatiza-se a relevância dessa assistência em um cenário no qual crises de segurança sistêmicas e insegurança alimentar ameaçam a região ([Boletim 190](#)). Dessa maneira, a MS se mostra como um ator relevante no suporte humanitário dos Estados da região, especialmente aqueles em crises

humanitárias.

A MS também vem se diversificando para além de países costeiros. Recentemente, ela promoveu projetos no interior do continente, como em Níger, República Democrática do Congo e Uganda. Essa atuação mais abrangente pode amenizar – mas não eliminar – a histórica dependência africana para com Estados exógenos. Isso porque a MS representa um auxílio não-governamental e humanitário, não gerando, portanto, endividamento ou dependência externa. Esse cenário subentende-se, por exemplo, nos investimentos de cerca de US\$ 20 milhões em programas de saúde feitos pelos Estados Unidos desde 2021 no continente africano.

Logo, conclui-se que as perspectivas para a parceria entre MS e Estados africanos são positivas e preferencialmente podem se expandir. Entretanto, existem preocupações quanto à segurança das embarcações da organização, devido à incidência de ilícitos marítimos em regiões como o Golfo da Guiné. Nesse ponto, destaca-se que as operações conjuntas internacionais com foco na segurança marítima dos países litorâneos africanos são fundamentais. Assim, salienta-se a atuação da Marinha do Brasil no Exercício Naval GUINEX III, junto às marinhas e guardas costeiras dos Estados da África Ocidental, com foco na melhora de consciência situacional e segurança marítima de uma região parte do Entorno Estratégico brasileiro.



O enfraquecimento diplomático europeu frente às negociações com o Irã

Gustavo da Hora Bittencourt

Por meio do Plano de Ação Conjunto Abrangente (JCPOA, em inglês) acordado em 2015, o monitoramento do programa nuclear do Irã foi a saída diplomática encontrada para lidar com o investimento feito pelo país persa em energia nuclear. Na época, além dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, a Alemanha e o Irã acordaram com as resoluções feitas para limitar o desenvolvimento de seu programa para fins comerciais, médicos e industriais, em conformidade com o acordo internacional de não proliferação de armas atômicas. Desde então, como o Irã e as outras potências europeias têm lidado com essa questão?

Os Estados Unidos, sob o ex-Presidente Donald Trump, abandonaram o acordo e iniciaram um processo para negociar seu reingresso em 2018, mas, desde então, as negociações para restabelecer o Plano se encontram estagnadas. Já nos últimos meses, foram observados em Teerã o desenvolvimento de mísseis balísticos, sendo dois testados em maio e junho de 2023, além do teste de um veículo de lançamento espacial, reportado pelo próprio Irã para a Alemanha, França, Israel, Reino Unido e Rússia. Porém, também foi observado o suposto deslocamento de drones ou veículos aéreos não tripulados do Irã para a Rússia, que estariam sendo usados em campos de batalha no conflito contra a Ucrânia. O fato foi contestado por Moscou e Teerã, mas a ONU continua analisando as informações com o

intuito de confirmar sua veracidade.

Apesar das divergências, após diversas reuniões, as potências europeias ainda concordam que o Acordo é a melhor opção para conter o uso indevido da energia nuclear. Assim, como resposta a todos esses avanços iranianos, Alemanha, França e Reino Unido se reuniram na primeira semana de setembro de 2023 para discutir a permanência de sanções sobre o Irã, a fim de frear o desenvolvimento nuclear do país persa.

Mais recentemente, os ataques a Israel aumentaram a discussão quanto ao envolvimento iraniano. Teerã nega a participação, porém, segundo o Primeiro-Ministro alemão, Olaf Scholz, sua influência sobre o grupo Hamas foi primordial para a realização dos ataques de 07 de outubro. Nesse cenário, não houve nenhum tipo de comunicado de países europeus sobre intensificação das sanções, mas os Estados Unidos, por sua vez, ameaçam a implementação de maiores restrições individuais. Observa-se, então, um enfraquecimento cada vez maior da estratégia de sanções, que persiste pelas abordagens individuais, e não colaborativas, para sua aplicação.

Com isso, vê-se que a Europa segue buscando uma abordagem conjunta para a questão, mas tem deixado de assumir posição de maior protagonismo, estando as discussões do acordo estagnadas e abrindo espaço para ações particulares.

DOI 10.21544/2446-7014.n193.p09.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Omã media negociações entre Arábia Saudita e houthis

Melissa Rossi

No último dia 15 de setembro, uma delegação Houthi (Ansar Allah) se encontrou com representantes da Arábia Saudita, em Riad, para continuar as negociações de paz no Iêmen. A reunião foi organizado por Omã, mediador principal entre os dois atores durante o conflito, que perdura desde 2015. Esse encontro foi o primeiro entre os houthis e os sauditas em território saudita desde o início do conflito, o que sinaliza um importante passo para um possível acordo. A Arábia Saudita lidera a Coalização Internacional contra as milícias xiitas desde 2015, após o grupo ter tomado à força o governo eleito democraticamente no país. Um cessar-fogo negociado pela ONU ([Boletim 181](#)) expirou em outubro de 2022, mas as mediações por parte de Omã mantiveram um canal de diálogo aberto entre os dois partidos. Nesse contexto, qual seria o interesse de Omã na resolução do

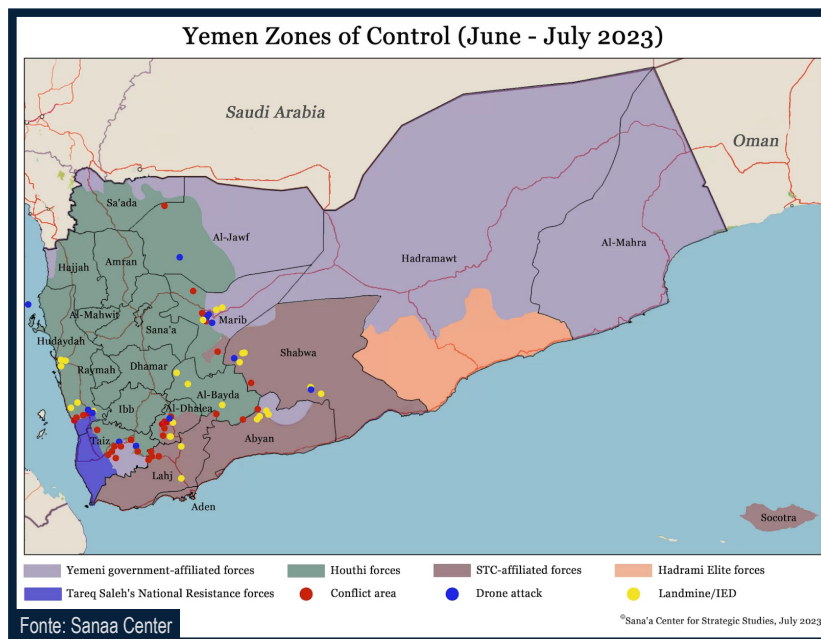
conflito no Iêmen, já que o país não participa da Coalização Internacional?

O Sultanato de Omã, localizado na parte sudeste da Península Arábica, é conhecido por geralmente manter um posicionamento de neutralidade em conflitos da região, atuando também como importante mediador entre países como o Irã e a Arábia Saudita e entre a Arábia Saudita e os houthis. Neste caso em particular, a província sul de Dofar, em Omã, possui uma fronteira de quase 300 km com a governadoria iemenita de Al-Mahra, conhecida por não ter sofrido grandes batalhas ou ataques durante o conflito, já que está distante da capital Sanaã. Contudo, há duas questões importantes que podem levar à desestabilização da área, o que poderia consequentemente ameaçar a segurança e a estabilidade de Omã.

Primeiro, a crise humanitária no Iêmen levou ao deslocamento de quatro milhões de pessoas e muitas têm se direcionado para Omã para pedir refúgio, e tratamento médico. Segundo, a crescente influência da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos (EAU) em Al-Mahra, oferecendo investimentos e segurança, tem diminuído a influência de Omã sobre as tribos locais. A Arábia Saudita, em particular, tem interesse em construir

um gasoduto, que teria acesso direto ao Mar Árábico.

O enfraquecimento do Iêmen e a crise humanitária gerados pelo conflito têm causado uma crise de refugiados e aumentado a influência de países como a Arábia Saudita e os EAU na fronteira sul de Omã. O Sultanato não vê tal cenário de forma favorável, já que ele perde influência em Al-Mahra, e quer o quanto antes a resolução do conflito.



DOI 10.21544/2446-7014.n193.p09-10.

O apoio iraniano à Síria: expansão de instabilidades regionais

João Gabriel Fischer Morais Rego

Por meio de diferentes estratégias, o Irã tem realizado operações para expandir sua influência pelo Oriente Médio, em sua maioria apoiando atores não estatais. Nesse cenário, destaca-se a assistência de Teerã a grupos armados sírios por meio do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC, sigla em inglês), instituição militar separada das Forças Armadas regulares iranianas. Desse modo, esta análise visa abordar o modo como ocorre o auxílio iraniano à Síria e as consequências dessa estratégia para a região.

O Irã tem apoiado o regime de Bashar al-Assad ao longo dos últimos anos, ambos sendo vistos como aliados regionais no contexto da Guerra Civil Síria. Como indicado pela agência de notícias *Tasnim*, observa-se que o auxílio iraniano acontece de diferentes formas, desde a recuperação de parte do território sírio até o envio de conselheiros militares para Damasco, destacando-se a participação de membros da IRGC. Em setembro de 2023, aconteceu a visita à Síria do atual Comandante da Força Quds (organização pertencente ao IRGC), General Esmail Qaani, sucessor de Qasem Soleimani, morto em uma ação dos Estados Unidos em 2020. Essa visita tinha como propósito supervisionar exercícios militares entre os dois países e realizar reuniões com a alta hierarquia militar síria, objetivando auxiliar nos desafios

relacionados à Segurança e à Defesa do país.

No contexto regional recente, a viagem de Qaani à Síria aconteceu em um cenário de crescentes tensões entre grupos armados pró-Irã, Israel e Estados Unidos, potencializadas após os acontecimentos de 07 de outubro de 2023 ([Boletim 192](#)). Segundo o *Iran International*, existe o aumento das preocupações de Israel relacionadas à atuação do Irã e de aliados regionais iranianos, devido à expansão das tensões para outras áreas. Essa atuação já ampliou as instabilidades para outros países e conta com a participação de atores não estatais, como o Hezbollah (Líbano), Houthi (Iêmen) e demais grupos armados sírios e iraquianos, demonstrando a expansão da influência regional iraniana.

Portanto, com base no cenário apresentado, Teerã se beneficia desse apoio fornecido a diversos atores paramilitares regionais, como na Síria, expandindo sua importância geopolítica no Oriente Médio, devido ao aumento da sua influência regional. Dessa forma, ressalta-se não apenas o caráter político, mas também o cenário estratégico dessa ação, visto que auxilia na manutenção de uma área geoestratégica para a política externa de Teerã e na atuação de instituições iranianas, como o IRGC.

DOI 10.21544/2446-7014.n193.p10.

Um mês do conflito em Gaza: o posicionamento do Egito e as expectativas para o futuro

Vitória França

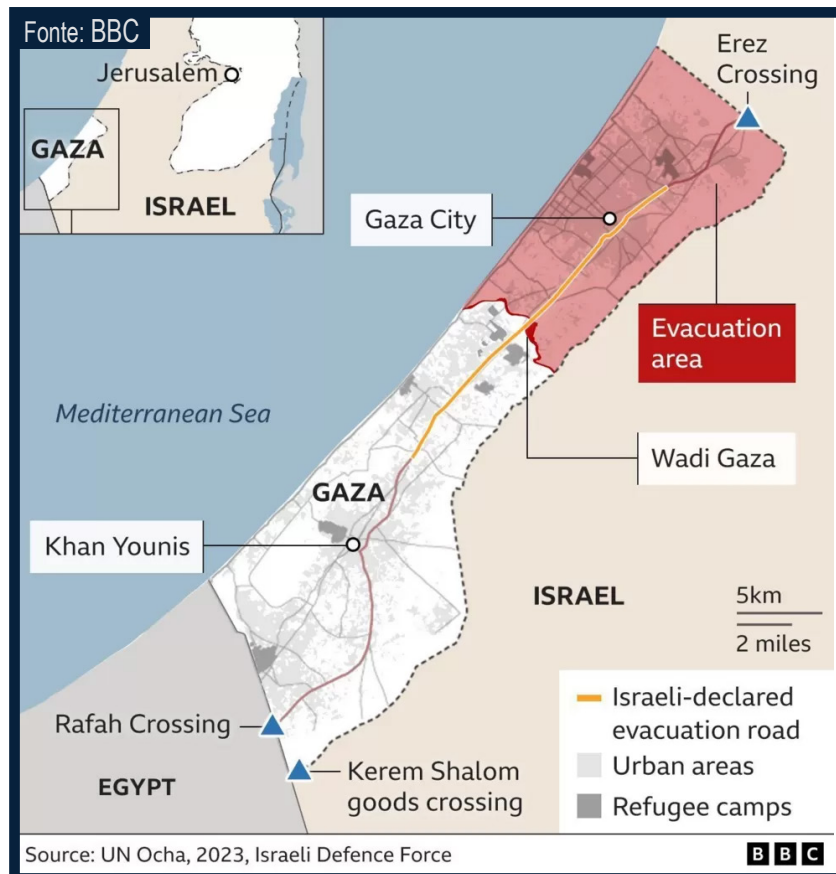
Desde o último dia 07 de outubro, quando o Hamas atacou Israel ([Boletim 192](#)), alguns dos holofotes diplomáticos voltaram-se para o Egito. Ao se tratar de Gaza, Cairo tem interesses críticos, bem como uma forte influência na região, controlando a passagem de Rafah — único ponto de entrada oficial na Faixa de Gaza não controlado por Israel. Desde o início, Rafah tem sido vital para a ajuda humanitária e, no dia 01 de novembro, a passagem fronteiriça foi aberta e ao menos 500 cidadãos estrangeiros foram autorizados a sair de Gaza em direção ao Sinai. Nesse contexto, cabe questionar: qual é o papel do Egito no conflito entre Israel e Hamas?

Os governos egípcios têm tido um interesse duradouro na Faixa de Gaza desde que a ocuparam inicialmente durante quase duas décadas após a independência de Israel em 1948, permanecendo ligados às questões de segurança da área. Cairo e Tel Aviv estão tecnicamente em paz desde 1978, partilhando relações diplomáticas e econômicas ([Boletim 186](#)), no entanto, em paralelo, o povo egípcio tem estado em desacordo com sucessivos regimes sobre a normalização das relações. Já Egito e Hamas possuem um longo histórico de oscilações, considerando o teor político e a ligação do grupo com a Irmandade Muçulmana.

Antes do confronto direto, o Egito se encontrava marginalizado no Sistema Internacional e mergulhado em

intensa crise econômica. Com o início das hostilidades, a posição egípcia na política árabe mudou, refletindo sua importância diplomática e geográfica. Cairo tem buscado assumir um papel central nas negociações, convocando reuniões para discutir os “desenvolvimentos e o futuro da causa palestina”. Em paralelo, o país tem demonstrado preocupações políticas e de segurança, temendo que a violência em seus vizinhos possa se espalhar para seu território e que os ataques israelenses resultem em um êxodo palestino para a Península do Sinai. Dessa forma, o Presidente Abdul Fatah Khalil Al-Sisi tem evitado ser visto como cúmplice em uma campanha que pode gerar uma “catástrofe humanitária”.

Dessa forma, o Egito possui um papel delicado e estratégico: no curto prazo, a cooperação egípcia é extremamente necessária para enfrentar a crise humanitária em Gaza, garantindo o fornecimento de combustível, alimentos e medicamentos através de Rafah. A longo prazo, como Estado árabe da linha de frente, Cairo provavelmente ocupará algum papel em um possível acordo. O Egito perseguirá seus próprios interesses, dada a importância de proteger sua fronteira, mas também deve desempenhar importante papel de liderança junto a outros governos árabes.



DOI 10.21544/2446-7014.n193.p11.

A construção de uma base naval russa na Abecásia e seus impactos no Mar Negro

Rafael Esteves

A Abecásia é um ex-território soviético que se autodeclara independente desde 1999, tendo ganhado maiores contornos após o conflito russo-georgiano de 2008, no qual Moscou reconheceu e apoiou o movimento de secessão do território em relação à Geórgia. Desde então, a Abecásia é muito próxima à Rússia, que, mesmo com suas questões no leste europeu, tem defendido efetivamente a região de qualquer ataque do vizinho. Neste contexto, foi anunciado no dia 05 de outubro de 2023 a assinatura de um acordo que visa estabelecer uma base naval russa no distrito abecásio de Ochamchira. Assim, questiona-se: qual o impacto desse tratado para as operações russas na região?

Mesmo tendo a independência pouco reconhecida, a invasão russa da Geórgia em 2008 evidenciou a Abecásia globalmente, sendo considerada uma região militarmente ocupada por Moscou. Apesar dos protestos da Geórgia, a Rússia mantém em território abecásio uma base militar, contendo batalhões de blindados e de infantaria motorizada, além de sistemas antiaéreos e um comando de aviação. Isso impede qualquer tentativa de Tbilisi retomar o território — internacionalmente reconhecido como georgiano — por via militar, seja pelo tamanho da força estacionada lá ou pela simples presença

russa. Ainda com este grande aparato militar, Moscou quer expandir suas instalações na região, estabelecendo uma base naval no distrito, o que escala ainda mais as tensões.

Os impactos de uma base naval na Abecásia variam nas escalas local e regional. Para a Geórgia, isso dificulta qualquer demanda de recuperação do território para o domínio de Tbilisi, porém aumenta a tensão com Moscou e, possivelmente, o sentimento anti-Rússia no país. Para o Cáucaso, tal questão preenche algumas lacunas da influência russa na região, em um contexto de fragilidade, tendo em vista o atual conflito russo-ucraniano. Uma nova base naval não só aumenta a capacidade russa para operações no Mar Negro, mas reforça sua presença em uma região que é parte do entorno geográfico da Rússia.

Considerando tais questões, conclui-se que uma nova base naval russa na Abecásia aumenta a presença do Kremlin no Cáucaso e suas capacidades militares no Mar Negro, tendo em vista suas operações na Ucrânia. Apesar disso, Moscou está sacrificando qualquer entendimento diplomático com a Geórgia, inclusive em relação à sociedade do país, que pode reagir mal a tal questão.



Expedição científica chinesa no Oceano Índico: somente científico?

Philippe Alexandre

O navio de pesquisa chinês *Shi Yan 6* está atualmente conduzindo operações de pesquisa no Oceano Índico, realizando experimentos em oceanografia, geologia e ecologia marinhas. Segundo o governo chinês, a expedição, com duração de três meses, visa coletar dados sobre as atividades humanas e seus impactos nos ciclos biogeoquímicos, ecossistemas e processos sedimentares na região. No entanto, essa missão evidencia uma dinâmica geopolítica mais complexa no Oceano Índico.

Embora a China descreva o *Shi Yan 6* como um navio de pesquisa científica, a Índia o monitora de perto. Essa não é a primeira vez que um navio de pesquisa chinês causa preocupação à Nova Déli; em 2019, por exemplo, uma expedição semelhante foi monitorada pelos indianos. Pesquisas científicas em águas internacionais são permitidas pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, devendo os Estados obter permissão para atuar dentro das Zonas Econômicas Exclusivas de outros países.

A presença desses navios oferece à China informações sobre o perfil hidrográfico do mar, permitindo a atuação mais eficaz de submarinos e sua ocultação durante operações, também sendo o mapeamento do fundo do mar essencial para a exploração de recursos. Além disso, essas embarcações coletam minerais subaquáticos, monitoram as atividades navais indianas e interceptam dados de telemetria de foguetes e mísseis. Isso dá à China a capacidade de antecipar e responder estrategicamente aos

movimentos da Índia, diminuindo o elemento surpresa nas operações navais indianas.

Tal conjuntura evidencia uma disputa estratégica presente no Oceano Índico entre as duas maiores potências regionais. Esse espaço marítimo é historicamente interpretado como uma via natural de expansão chinesa, o que remonta às grandes viagens do Almirante Zheng He no século XV. Conforme os interesses nacionais da China tornam-se mais globais, a presença de Pequim no Índico fica mais frequente, o que incomoda o governo indiano. Portanto, os embates sino-indianos não ocorrem somente na área fronteira terrestre dos Himalaias, mas também na marítima no Índico – este ainda mais complexo por envolver mais latentemente questões militares, econômicas (com importantes linhas marítimas passando na região) e científicas, como evidenciado acima.

Segundo Kishore Mahbubani (MAHBUBANI, 2021), ex-diplomata singapurense, no longuíssimo prazo a maior preocupação de Pequim não é Washington, mas Nova Déli. Trata-se de dois Estados nucleares, com extensas populações, grandes economias tecnologicamente competitivas e com interesses estratégicos conflitantes no Sistema Internacional. Caso haja uma guerra entre China e Índia no Oceano Índico, os efeitos internacionais consequentes serão muito maiores do que se acontecesse na fronteira dos Himalaias.

DOI 10.21544/2446-7014.n193.p13.

SUL DA ÁSIA

A frágil relação entre afegãos e paquistaneses no sul da Ásia

Rebeca Leite

Em agosto de 2021, quando o Talibã retornou ao poder no Afeganistão, houve uma certa expectativa quanto às relações diplomáticas com seu vizinho, o Paquistão. No entanto, a realidade tem sido oposta: desentendimentos são recorrentes e trazem consigo reflexos de uma bagagem histórica não resolvida. Cabul insiste em não reconhecer a Linha Durand como fronteira internacional entre ambos os países, este sendo um dos principais gatilhos para as crescentes tensões. Diante desse cenário, problemas de ajuda humanitária e uma crise migratória agravam sobremaneira o clima de tensão na região.

Enquanto ainda não detinham poder político no Afeganistão, os militantes talibãs tinham apoio paquistanês por serem um ativo estratégico, sobretudo nas investidas anti-Índia. Após a retomada do governo,

o Talibã busca desmistificar a ideia de ser um “fantoche” de Islamabad. Além disso, o grupo passou a visualizar Nova Déli como possível suporte financeiro para o desenvolvimento e reconstrução do país; ademais, a tentativa paquistanesa de suavizar sua imagem diante dos Estados Unidos também contribuiu para este estranhamento, tendo-se em vista que o Paquistão atravessa uma profunda crise socioeconômica e cedeu à pressão americana com o intuito de minimizar o cenário, minando a confiança entre paquistaneses e talibãs.

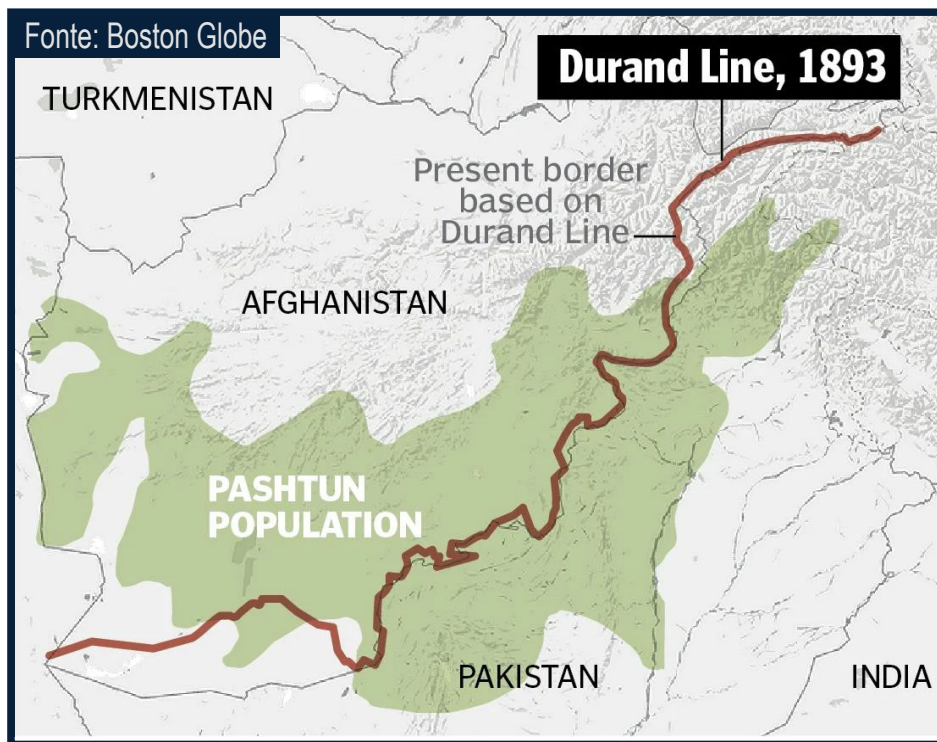
A Linha Durand foi estabelecida durante a passagem britânica no subcontinente e separou as tribos Pashto que compartilham o mesmo sentimento nacional entre os dois países. Cabul nunca reconheceu tal fronteira, e o Talibã mantém essa postura. O nacionalismo pashto reivindica a criação de um novo Estado, o Pashtonistão. Ataques

terroristas no Paquistão aumentaram cerca de 51% depois que o Talibã assumiu o controle do Afeganistão. A questão étnico-nacionalista demonstra que, ainda que exista um mínimo de afinidade entre o Talibã e o Paquistão, a nacionalidade tribal em torno dos Pashtó é maior.

Somando-se ao complicado cenário, há ainda a questão migratória: segundo o Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, existem 3,7 milhões de refugiados afegãos no Paquistão, dos quais 700 mil

chegaram após a volta do Talibã. Islamabad tem usado este ativo humano como barganha para fazer com que Cabul cumpra uma série de exigências, deteriorando ainda mais as relações bilaterais.

Tem-se, então, um cenário alarmante no sul da Ásia: a frágil relação entre dois países instáveis política, econômica e militarmente demanda atenção da sociedade internacional, uma vez que pode abrir caminhos para maior radicalização dos grupos insurgentes ali presentes.



DOI 10.21544/2446-7014.n193.p13-14.

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Mianmar dois anos após o golpe militar: presente difícil, futuro caótico

Após dois anos do golpe militar que destituiu o governo democraticamente eleito de Aung San Suu Kyi ([Boletim 133](#)), a situação de Mianmar se mostra cada vez mais complicada. Apesar de não atrair tantos holofotes quanto Ucrânia e Palestina, o país sofre com conflitos armados, deslocados internos, mortes, prisões arbitrárias e fome. Embora tenha havido iniciativas dos países da ASEAN para se chegar a um acordo entre as partes, as próprias limitações da Associação, bem como as relações bilaterais com Pequim, ainda deixam a junta militar birmanesa em uma posição confortável.

Contudo, esse cenário de aparente controle parece estar mudando: já nos primeiros dias de novembro de 2023, uma iniciativa conjunta entre três grupos étnicos que lutam pelo fim do golpe realizou uma operação ao norte do país, no estado de Shan, que faz fronteira com a China, tomando o controle de regiões estratégicas. O possível enfraquecimento

da junta militar e sua derrota, inevitavelmente, provocam o seguinte questionamento: após o golpe, o que restará ao país?

Os conflitos em Mianmar possuem como ponto central as questões étnicas. Os denominados “grupos rebeldes”, iniciativas étnicas armadas como o *Ta’ang National Liberation Army*, o *Arakan Army* e o *Myanmar National Democratic Alliance Army*, estabeleceram a *Brotherhood Alliance*, objetivando unir forças para diminuir o controle das Forças Armadas oficiais do país, da etnia Bamar. Com, aproximadamente, 15 mil soldados, essa aliança abrange três das cerca de 12 iniciativas étnicas similares, cujo objetivo principal é findar o golpe e o controle birmanês sobre seus territórios.

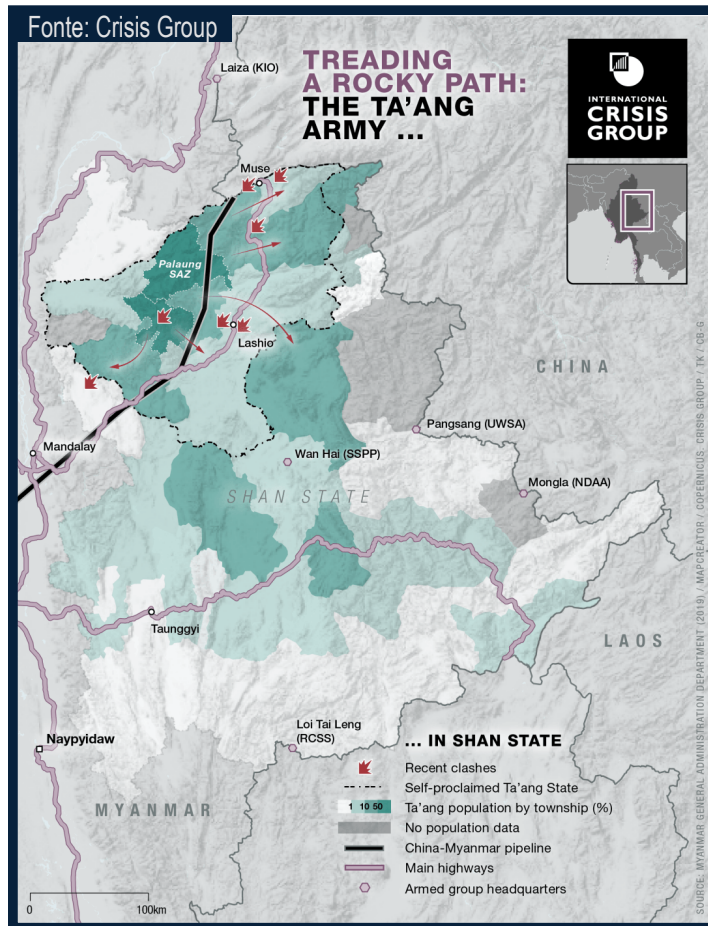
Após dois anos, a continuidade dos conflitos e a resistência dos “rebeldes” também provocaram questões acerca do número de soldados oficiais birmaneses: segundo

Thayná Fernandes

o analista político Ye Myo Hein (2023), embora a quantidade de militares fosse estimada entre 300 e 400 mil soldados, o número real gira em torno de 150 mil, dentre os quais 70 mil seriam combatentes diretos. Ainda, além das casualidades devido aos conflitos, há muitos desertores: estima-se que cerca de oito mil, entre soldados e policiais, tenham abandonado as Forças.

Em meio às disputas numéricas de ambos os lados, a realidade atual do país, mais de mil dias após o golpe, é bastante difícil: cerca de quatro mil mortos, 25 mil

presos, mais de cinco mil deslocados internos, sanções internacionais que prejudicam a economia, deixando o PIB em -12%, e cerca de 60% da população abaixo da linha da pobreza. Com o fim do golpe ou posterior mudança de governo, além deste cenário já caótico, com tendência a piorar, o novo governo também encontrará grupos étnicos armados com objetivos diversos. Dentre os muitos desafios, a permanência de um Estado único se mostra como um dos principais.



DOI 10.21544/2446-7014.n193.p14-15.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Estados Unidos no Alto Norte: a nova abordagem estadunidense

Jayanne Balbino

Segundo a Vice-Secretária Adjunta de Defesa dos Estados Unidos, Íris Ferguson, a nova estratégia do país para o Ártico será divulgada no início de 2024. O anúncio foi feito no último mês de outubro, no evento *The Arctic Circle Assembly*, e contou com a presença de representantes dos aliados estadunidenses no Norte – Finlândia, Noruega e Suécia. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar o papel sino-russo na nova abordagem americana para o Ártico.

Os Estados Unidos da América (EUA) se configuram como um país ártico devido à compra do Alasca no século XIX. Durante a Guerra Fria, essa região assumiu uma importância geopolítica significativa, pois se

tornou o território fronteiriço onde estadunidenses e soviéticos demonstravam sua força e rivalidade, refletindo a tensão e a importância estratégica do local. Nas últimas décadas, os EUA demonstraram crescente interesse no local, o que pode ser atribuído, em parte, à significativa participação sino-russa no Alto Norte. Os russos mantêm sob sua soberania quase metade da costa do Oceano Ártico, tornando-a parte essencial da segurança nacional do país. Durante a última década, Moscou expandiu e modernizou suas forças militares na região, tornando isso um ponto estratégico da sua política. Paralelamente, Pequim também fortaleceu sua presença regional por meio de pesquisas científicas e investimentos privados,

demonstrando interesse nos assuntos árticos ([Boletim 192](#)).

A intensificação das tensões entre os russos e o Ocidente, decorrente de eventos externos ao Alto Norte, têm influenciado a retórica de segurança e as supostas ameaças à segurança no Ártico. A adesão da Finlândia e a futura adesão da Suécia à Organização do Tratado do Atlântico Norte são exemplos claros da expansão militar estadunidense na região, sendo essenciais para as estratégias do país. Em contraste, a simbiose entre chineses e russos, que se configura estrategicamente para os objetivos de ambos os países na região, demonstra a preocupação chinesa em se tornar uma potência polar

([Boletim 187](#)).

Dito isso, espera-se que a nova reconfiguração da estratégia dos Estados Unidos para o Ártico aborde claramente as objeções aos avanços de seus oponentes na região. Embora haja outras tensões e conflitos, a importância geopolítica da região continuará como prioridade para esses países, que buscam reforçar suas zonas de influência. A realização de exercícios militares conjuntos e as declarações políticas sugerem que, somada à presença militar americana, o país continuará a intensificar o antagonismo frente à presença sino-russa no extremo Norte.

DOI 10.21544/2446-7014.n193.p16.

TEMAS ESPECIAIS

Estados Unidos dá primeiro passo na direção da regulamentação das Inteligências Artificiais

Victor Magalhães Longo

No dia 30 de outubro de 2023, o Presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Joe Biden, assinou a ordem executiva *Executive Order on Safe, Secure, and Trustworthy Artificial Intelligence*. Embora o documento aborde uma variedade de tópicos, seu objetivo pode ser sintetizado como uma tentativa de alinhar o governo dos EUA e suas agências federais tanto na utilização eficiente e ética das Inteligências Artificiais (IAs), quanto no seu controle, promoção e regulação. Cabe, portanto, compreender as implicações dessa ordem executiva e quais as pretensões do governo estadunidense em relação à regulamentação dessas novas tecnologias.

Os notáveis avanços da Inteligência Artificial nos últimos anos fizeram com que discussões éticas relativas ao uso dessa tecnologia assolassem o debate público, surgindo também uma pressão e um interesse na sua regulamentação. Isso não foi diferente nos EUA, o lar das *big-techs* e uma das duas nações mais sofisticadas no desenvolvimento de IAs, ao lado da China. A ordem executiva chega exatamente como uma resposta a esses anseios, abordando amplamente, outros temas, como: a privacidade dos usuários; as transformações no mercado de trabalho; a necessidade de se combater vieses e preconceitos nos algoritmos; a marcação de conteúdo gerado por IAs; além, é claro, das potencialidades do bom uso dessa tecnologia e da necessidade de promover

o seu desenvolvimento de forma a beneficiar a sociedade.

Ainda que a ordem executiva tenha sido bem recepcionada por grupos de pressão assim como pelas empresas de tecnologia, céticos questionam se ela será capaz de tornar efetiva os ambiciosos objetivos da administração federal, já que, no momento, o Congresso dos EUA se mostra pouco disposto a discutir o tópico. Todavia, dias após a assinatura da ordem executiva, dois senadores propuseram um projeto de lei que, caso seja aprovado, seria um primeiro passo para dar consistência à ordem, já que é consenso que tal ordem executiva tende ao fracasso caso não seja apoiada por subseqüentes leis federais que garantam o seu financiamento e definam as especificidades das regulamentações.

O objetivo do governo estadunidense se assemelha à ideia de regulação votada pela União Europeia alguns meses atrás ([Boletim 186](#)), com o agravante de que, diferente da União Europeia, os Estados Unidos são um país na ponta tecnológica do desenvolvimento das IAs e estão inseridos em uma corrida tecnológica com a China. Por isso, é crucial que qualquer regulamentação não apenas não prejudique, mas auxilie o desenvolvimento das IAs de forma ética e que mantenha os Estados Unidos na vanguarda dessa tecnologia altamente disruptiva.

DOI 10.21544/2446-7014.n193.p16.

- ▶ [What Is the Global South?](#)
PROJECT SYNDICATE, Joseph S. Nye, Jr
- ▶ [Despliegue Africano de la Armada: el golfo de Guinea como objetivo estratégico de España](#)
INSTITUTI ESPAÑOL DE ESTUDIOS ESTRATÉGICOS, Guillermo Talavera Cejudo
- ▶ [Paper Tiger or Pacing Threat?](#)
CSIS, Ryan C. Berg e Henry Ziemer
- ▶ [Theories on the Gaza War](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman.
- ▶ [National defence and the RAN \(part 1\): achieving deterrence by denial](#)
THE STRATEGIST, David Shackleton e John Mortimer.

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Fernanda Császár e Taynah Pires

NOVEMBRO

Principais eventos de 09 a 30 de Novembro

10-11



FRANÇA
FÓRUM DA PAZ DE PARIS 2023

11-17



ESTADOS UNIDOS
FÓRUM DOS LÍDERES
ECONÔMICOS DA APEC

13-14



ESTADOS UNIDOS
REUNIÃO DE
CIBERSEGURANÇA MARÍTIMA

16



MADAGASCAR
ELEIÇÕES GERAIS

16-18



ETIÓPIA
CONFERÊNCIA ECONÔMICA
AFRICANA

19



ARGENTINA
SEGUNDO TURNO DAS
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

22



PAÍSES BAIXOS
ELEIÇÕES
PARLAMENTARES

30-12



DUBAI
COP28

REFERÊNCIAS

- **Crise migratória na Selva de Darién**
SASSE, Emilia Rojas. [Panamá vive crise migratória na selva de Darién](#). DW, 16 set. 2023. Acesso em: 28 set. 2023.
[Venezuelanos impulsionam recorde migratório na selva de Darién: são mais da metade dos 248 mil que se arriscaram na rota](#). O Globo, 01 ago. 2023. Acesso em: 30 set. 2023.
 - **Venezuela vs Guiana: renovação da disputa por Essequibo**
[Venezuela rechaza postura de Guyana sobre Acuerdo de Ginebra](#). TeleSUR, 01 out. 2023. Acesso em: 13 out. 2023.
[Maduro says ready to meet with Guyana leader on border dispute](#). France24, 26 set. 2023. Acesso em: 13 out. 2023.
 - **Os Estados Unidos podem mitigar os efeitos das mudanças climáticas em seu território?**
NOAA. [Billion-Dollar Weather and Climate Disasters](#). National Centers for Environmental Information, set. 2023. Acesso em: 09 out. 2023.
USA. [Budget Of The U. S. Government For Fiscal Year 2024](#). The White House, 2023. Acesso em: 05 out. 2023.
 - **Horizontes da assistência humanitária na África com a Mercy Ships**
[Ministry of Health confirms Africa Mercy's return to Madagascar in 2024](#). Mercy Ships, 25 set. 2023. Acesso em: 14 out. 2023.
[Atlas of African Health Statistics 2022: Health situation analysis of the WHO African Region](#). OMS, 01 dez. 2022. Acesso em: 14 out. 2023.
 - **O enfraquecimento diplomático europeu frente às negociações com o Irã**
MARINHO, André. [Reino Unido, França e Alemanha decidem manter em vigor sanções contra Irã](#). GZH, 14 set. 2023. Acesso em: 23 set. 2023.
[Iran nuclear deal: Despite differences, still 'best available option', Security Council hears](#). UN News, 06 jul. 2023. Acesso em: 23 set. 2023..
 - **O apoio iraniano à Síria: expansão de instabilidades regionais**
[Iran's Quds Force Commander Supervises Joint Drill During 'Important' Syria Visit](#). Tasnim News Agency, 22 set. 2023. Acesso em: 12 out. 2023.
[US Expects Escalation By Iranian Proxies In Mideast](#). Iran International, 23 out. 2023. Acesso em: 26 out. 2023.
 - **Omã media negociações entre Arábia Saudita e houthis**
JALAL, Ibrahim. [The War Next Door: Omani Foreign Policy Toward Yemen](#). Middle East Institute, 21 set. 2023. Acesso em: 08 out. 2023..
NASSER, Afrah. [Oman's Interest and Role in the Conflict in Yemen](#). Arab Center Washington DC, 14 mar. 2023. Acesso em: 09 out. 2023..
 - **Um mês do conflito em Gaza: o posicionamento do Egito e expectativas para o futuro**
SHOTTER, James; SALEH, Heba; KHALED, Mai; MANCINI, Donato Paolo. [Egypt allows first evacuee departures from Gaza](#). Financial Times, 01 nov. 2023. Acesso em: 04 nov. 2023.
AL-OMARI, Barin Ghaith; SCHENKER, David. [Why Egypt Won't Open the Border to Its Palestinian Neighbors | The Washington Institute](#). The Washington Institute, 24 out. 2023. Acesso em: 04 nov. 2023.
 - **A construção de uma base naval russa na Abecásia e seus impactos no Mar Negro**
FAULCONBRIDGE, G. [Russia plans naval base in Abkhazia, triggering criticism from Georgia](#). Reuters, 05 out. 2023. Acesso em: 10 out. 2023.
NELSON, H. [Russia to Build a Naval Base in Abkhazia: A Security Threat to the Caucasus](#). Caspian Policy Center, 06 out. 2023. Acesso em: 10 out. 2023
 - **Expedição científica chinesa no Oceano Índico: somente científico?**
SWAMINATHAN, Sneha. [How China's 'scientific' ships can pave way to Chinese submarine deployment near India](#). Wionews, 06 out. 2023. Acesso em: 04 nov. 2023.
MAHBUBANI, Kishore. [The Asian 21st Century](#). Springer Singapore, 2022. DOI.org (Crossref).
 - **A frágil relação entre afegãos e paquistaneses no sul da Ásia**
BILAL, Arsalan. [Pakistan and the Afghan Taliban: Friends Becoming Foes](#). The Diplomat, 28 abr. 2023. Acesso em: 01 nov. 2023.
D'SOUZA, Shanthie M. [Pakistan's Afghan Gamble: Refugees as a Strategic Tool Against the Taliban](#). The Diplomat 30 out. 2023. Acesso em: 01 nov. 2023.
 - **Mianmar dois anos após o golpe militar: presente difícil, futuro caótico**
ABUZA, Zachary. [Myanmar's post-coup economy comes crumbling down](#). Radio Free Asia, set. 2023. Acesso em: 02 nov. 2023.
HEIN, Ye Myo. [Myanmar's Military Is Smaller Than Commonly Thought — and Shrinking Fast](#). The United States Institute of Peace. 04 mai. 2023. Acesso em: 02 nov. 2023.
WALKER, Tommy. [Myanmar border clashes challenge junta's grip on power](#). DW, 11 jan. 2023. Acesso em: 02 nov. 2023.
 - **Estados Unidos no Alto Norte: a nova abordagem estadunidense**
EDVARSEN, Astri. [The US Department of Defense Announces New Arctic Strategy in Early 2024](#). High North News, 21 out. 2023. Acesso em: 01 nov. 2023.
HUMPERT, Malte. [From Ukraine to the Arctic: Russia's Capabilities in the Region and the War's Impact on the North](#). High North News, 20 set. 2023. Acesso em: 01 nov. 2023.
 - **Estados Unidos dá primeiro passo na direção da regulamentação das Inteligências Artificiais**
USA. [FACT SHEET: President Biden Issues Executive Order on Safe, Secure, and Trustworthy Artificial Intelligence](#). The White House, 30 out. 2023. Acesso em: 02 nov. 2023.
BORDELON, Brendan. [The politics of Biden's vast new AI order](#). Politico, 30 out. 2023. Acesso em: 02 nov. 2023.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Crise em Nagorno-Karabakh: [Azerbaijan says 'no alternative' to normalization with Armenia. Daily Sabah](#), 05 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Burkina Faso equips its Army with Serbian-made assault rifles to combat jihadists. Military Africa](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- GABÃO - Crise política: [New regime prepares to pre-empt Carlyle's oil assets. Africa Intelligence](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- HAITI - Conflitos internos: [Violence in Haiti discussed during Biden-Abinader presidential visit, not canal. The Haitian Times](#), 03 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [Yemen's Houthis warn about widening conflict if Washington keeps backing Israel. Anadolu Ajansı](#), 05 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- ISRAEL - Crise regional: [Israel-Hamas war: Netanyahu says no Gaza ceasefire until hostages are returned. Wion News](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Hezbollah says Israel to 'pay price' after strike kills 3 children in Lebanon. Reuters](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- MALI - Crise sociopolítica: [Burkina Faso, Mali and Niger have a new defence alliance. DefenceWeb](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- MIANMAR - Conflitos internos: [Sharp uptick in fighting in Myanmar, UN humanitarian report. UN News](#), 03 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- NÍGER - Crise sociopolítica: [Unfazed by coup, Niger commissions oil pipeline to Benin. The Africa Report](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Russian air strikes wound eight in Odesa, damage museum, port, Ukrainian officials say. Reuters](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- SÍRIA - Crise regional: [Syria: Government Uses Cluster Munitions In Northwest, Says HRW. Eurasia Review](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia floods kill 10, displace more than 113,000 a year after drought. Reuters](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.
- SUDÃO - Conflito interno: [More than 20 killed in Sudan after shell hits market. RFI](#), 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise regional: [Belarus threatens Lithuania with military action; Lukashenko invites Orban to Minsk. The Kyiv Independent](#), 03 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• EQUADOR - Crise sociopolítica: [SOUTHCOM Donates \\$3.1 Million to Ecuador to Combat Narcotrafficking](#). **Diálogo Américas**, 03 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• ETIÓPIA - Crises internas: [Fighting continues in Ethiopia's Amhara region](#). **Africanews**, 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• IRÃ - Instabilidade regional: [Iran says US encouraging Israel to kill Palestinians](#). **Wion News**, 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Insecurity fears in Eastern DRC ahead of elections](#). **The East African**, 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Biden administration banks on new Venezuela strategy as US grapples with mass migration](#). **CNN**, 03 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

► EM MONITORAMENTO:

• AFGANISTÃO - Instabilidade social: [Afghans fleeing Pakistan lack water, food and shelter once they cross the border, aid groups say](#). **Associated Press**, 05 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• COREIA DO NORTE - Crise regional: [North Korea designates day to mark test-firing of intercontinental ballistic missile](#). **Anadolu Agency**, 05 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [El Salvador electoral tribunal approves Bukele's bid for reelection](#). **ABC News**, 03 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• GUATEMALA - Instabilidade política: [Guatemala electoral authorities suspend President-elect Bernardo Arévalo's party](#). **ABC News**, 02 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• ÍNDIA - Instabilidade social: [Manipur violence news: Mobile internet ban extended further till November 8](#). **Mint**, 05 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [Libya's eastern government holds conference on reconstruction of coastal city destroyed by floods](#). **Associated Press**, 01 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Vietnam rapidly builds up South China Sea reef](#). **Radio Free Asia**, 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [How terrorism threatens the future of Mozambique](#). **Geopolitical Intelligence Services**, 02 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023..

• NICARÁGUA - Crise política: [Rosario Murillo toma posesión del poder judicial en Nicaragua](#). **El Espectador**, 03 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• NIGÉRIA - Crises internas: [Nigerians' Attitude Worsening Security Challenges – CDS](#). **Leadership Media Group**, 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• PAQUISTÃO - Crise sociopolítica: [With date set, Pakistan enters election season fraught with doubts](#). **Nikkei Asia**, 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• PERU - Crise sociopolítica: [El Congreso impulsó 24 mociones de interpelación contra ministros de Dina Boluarte sin mayor impacto](#). **Diario Correo**, 06 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade social: [Central African Republic - Complex Emergency Fact Sheet #4, Fiscal Year \(FY\) 2023](#). **Relief Web**, 02 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [En octubre ingresaron 49,256 migrantes por la selva de Darién; la cifra asciende a 459,180 en todo 2023](#). **La Prensa**, 04 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.

• TAIWAN - Tensões China-EUA: [Chinese General: Military Will 'Show No Mercy' on Taiwan Independence](#). **VOA News**, 04 nov. 2023. Acesso em: 06 nov. 2023.